

VOU SOZINHA: A VIAGEM INDEPENDENTE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA NO FEMININO¹

Gisele Carvalho²

Maria Manuel Baptista³

Carlos Costa⁴

| 501

RESUMO

Este estudo apresenta a viagem independente no feminino, tendo como pano de fundo o cenário do turismo contemporâneo, indicando os estudos de ócio para analisar as dimensões objetivas e subjetivas da vivência da mulher neste tipo de vivência. O estudo exploratório ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2014, em que foram entrevistadas em profundidade quinze mulheres brasileiras, momento no qual foi possível identificar, através da análise de conteúdo, as condições objetivas e subjetivas que a viagem independente ocorre, considerando os diferentes contextos das experiências turísticas (Bardin, 1977). O perfil analisado é de mulheres com elevadas habilitações literárias, que vão desde a licenciatura ao grau de doutoramento. A maioria delas é solteira, não possui filhos, atua nas áreas das ciências humanas e sociais e visitou de um a cinco países de forma independente. As performances dessas viajantes ganham espaço, tanto na esfera pública como na privada, transformando sutilmente padrões estabelecidos, rompendo limites, desconstruindo preconceitos de gênero e empoderando a mulher enquanto sujeito de direitos. Assumimos, portanto, uma identidade social que nos posiciona através de atitudes e comportamentos feministas (Swirsky & Angelone, 2015), que prezam por denunciar qualquer forma de repressão, limitação e assédio à liberdade da mulher, e esta investigação surge como um convite à exploração de novos espaços de subjetivação no feminino.

PALAVRAS-CHAVE

Viagem independente; ócio; subjetivação; resistência no feminino.

1. Introdução

Seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade”.

Judith Butler

As discussões de gênero, sob o olhar da viagem e do ócio, apresentam um ponto em comum e agregador: o processo de subjetivação. Pesquisadores desses assuntos reconhecem e destacam a necessidade de aprofundar estudos que integrem os temas, a fim de melhor compreender o protagonismo na sociedade pós-moderna, além de agregar valor para o desenvolvimento humano. Ao aplicar esta análise à viagem independente e ao papel da subjetividade na construção da identidade da viajante, exploramos a qualidade da vivência e sublinhamos o empoderamento e o papel político deste tipo de lazer para estas mulheres, resultantes de suas escolhas em momentos de ócio.

¹ Trabalho apresentado durante o XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos.

² Doutoranda em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: email@provedor.com.

³ Professor do Programa Doutoral em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro, email: email@provedor.com.

⁴ Professor do Programa Doutoral em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro, email: email@provedor.com.

O ócio aqui compreendido como experiência subjetiva, constituído por características específicas que contribuem para a construção de experiências satisfatórias, positivas e felizes, capazes de favorecer o desenvolvimento humano e social (Cuenca Cabeza, 2006; Doistua, 2006). O estudo dos processos de subjetivação da mulher que viaja sozinha gera uma reflexão sobre a atuação da mulher e do seu papel político enquanto cidadã de direitos e deveres, uma vez que as relações de gênero afetam a forma como homens e mulheres constroem suas experiências turísticas (Yang, 2017).

Para um melhor entendimento da viagem independente no cenário do turismo, seguiremos uma trajetória que demarca o lazer e o ócio, contextualizando a participação da mulher contemporânea, sob esse enfoque, para trazer à tona as dimensões objetivas e subjetivas envolvidas na atividade. Neste particular, usaremos a perspectiva apresentada por Baptista (2016), ao tratar da importância de observar a dimensão cultural e política no debate sobre os estudos do ócio e do lazer, uma vez que nos parece ser essencial o aprofundamento das questões que envolvem o tema. Esta perspectiva permitirá compreender mais fácil as transformações das relações sociais na pós-modernidade, em particular a viagem independente.

As descobertas e aprendizados vivenciados pela mulher em viagens independentes favorecem uma série de possibilidades quanto às suas performances, assim compreendidas como sendo um discurso de liberdade que diz respeito à natureza ativa da relação entre o indivíduo e a sociedade, relacionado ao discurso que habita o corpo, que faz esse corpo e por isso se confunde com ele (Butler, 2004). Desse modo, performar é atravessar fronteiras geográficas, emocionais, ideológicas, políticas e pessoais; é tornar-se alguém mais e você próprio ao mesmo tempo; é ter empatia, reagir, crescer e mudar (Schechner, 2014).

Nesse entendimento, as mulheres que compõem o objeto deste estudo atualizam e desconstruem o discurso sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade contemporânea, com seus comportamentos e atuações durante a experiência da viagem. Dito de outra forma, talvez existam outros caminhos a trilhar e diferentes formas de ser e de atuar na sociedade, como bem afirma Schechner (2014, p. 725) “devemos imaginar, inventar e performar formas alternativas de tornarmo-nos nós mesmos”.

2. Metodologia

A informação recolhida resulta de quinze entrevistas em profundidade realizadas com mulheres brasileiras que, através de perguntas-guias expuseram suas experiências de viagem, com questões adaptadas aos objetivos específicos e particularidades deste estudo. As entrevistas foram feitas no período de janeiro a novembro de 2014. Das quinze entrevistas realizadas, seis ocorreram presencialmente e nove decorreram em meio digital, utilizando o programa Skype, com duração média de uma hora de conversa. Ao identificar as condições objetivas e subjetivas que tais viagens ocorrem, em diferentes contextos das experiências turísticas, este estudo faz uso de ferramentas qualitativas de investigação para a compreensão da realidade estudada.

O perfil analisado é de mulheres com elevadas habilitações literárias, que vão desde a licenciatura ao grau de doutoramento. A maioria delas é solteira, não possui filhos e tem origem nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Quanto à atuação profissional, a predominância é da área das ciências humanas e sociais. A maior parte visitou de um a cinco



países de forma independente, ainda que três, das quinze viajantes entrevistadas, já visitaram mais de vinte países sozinhas.

Para analisarmos os dados empíricos, utilizamos a análise de conteúdo como abordagem, por esta ser a teoria capaz de reconhecer o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento, além do significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas (Bardin, 1977; Franco, 2008). Ressaltamos a importância de estudos qualitativos sobre gênero e turismo, que favoreçam um maior entendimento sobre questões que vão além das diferenças entre homens e mulheres, sejam cisgêneros ou transgêneros. Isso inclui a subjetividade, preferências, anseios, medos, tendências e possibilidades. Nesse entendimento, analisar os depoimentos das entrevistadas pode nos permitir monitorar os discursos, práticas e relações de poder que determinam os espaços de resistência de mulheres em viagem independente (Mehta, 1999).

3. Ócio e resistências: a viagem independente no feminino

No atual contexto em que desfrutamos de múltiplas possibilidades de vivenciar o turismo globalizado, é importante delinear o cenário da atividade que se desdobra de maneira dinâmica no Brasil e no mundo, uma vez que, ao tratarmos o turismo, sua caracterização e tendências, estamos dialogando com o mundo das viagens e dos viajantes. Ambos se complementam e estão entrelaçados de uma maneira muito particular e interdependente.

Ainda que as experiências virtuais estejam cada vez mais acessíveis - e inclusivas -, na tentativa de substituir a experiência *in loco*, nada se compara ao que é vivido e sentido de forma real. Significa dizer que a experiência subjetiva é vital para a caracterização e qualificação do turismo, reforçando dessa maneira que o futuro da viagem não é um destino ou um lugar onde se quer ou se deve estar, e sim uma jornada que se inicia de onde estamos hoje para onde desejamos estar amanhã. Isso se relaciona com a ideia de que o processo e o caminho de como se desenvolve determinada jornada são mais importantes, pois deles pode resultar um maior aprendizado para o indivíduo.

No passado, o uso do tempo livre para as atividades recreativas e de lazer era privilégio das classes mais abastadas. Além de uma necessidade individual para manutenção da saúde física e mental, nessa altura o ócio era uma possibilidade de manter e estimular a vida em sociedade. Desse modo, não é difícil compreender a importância da viagem na construção da subjetividade própria. Com efeito, aliado aos aspectos que caracterizam a viagem independente está o potencial transformador e recriador da experiência do ócio como experiência que transforma.

Neste estudo, optamos por aplicar o conceito de ócio humanista, em especial por entender que é o mais condizente com a qualidade da viagem independente, objeto desta investigação. Da mesma forma, a dimensão ética e política, levantada por Inchaurreaga (2012), nos ajuda a refletir sobre os espaços de subjetivação que as mulheres dispõem na sociedade contemporânea, transitando em diversas culturas. Nas viagens, essas mulheres levam consigo o contexto da sua cultura de origem, o que nos leva a crer que o ócio débil já tem sido uma prática.



A definição de ócio humanista compreende um tempo de não trabalho, associado à prática de inúmeras atividades de lazer, entre elas a viagem em si mesma. É interpretado como uma experiência subjetiva, constituído por características específicas que contribuem para a construção de experiências satisfatórias, positivas e felizes, capazes de favorecer o desenvolvimento humano e social, além de ser uma excelente oportunidade para o autopreenchimento e enriquecimento pessoais (Rhoden, 2014; Martins, 2014; Cuenca Cabeza, 2006; Monteagudo et al., 2014).

O olhar apurado do ócio humanista acerca da necessidade e importância de sermos educados para o autodesenvolvimento pode ser uma via alternativa para a diminuição de conflitos sociais, que antes de se tornarem globais, são pessoais e subjetivos. Como bem esclarece Bruhns (2009), o lazer moderno vive contradições que têm origens em promessas e realizações ligadas ao discurso do prazer e da liberdade, decorrentes de um isolamento artificial em relação à vida como um todo, construindo muros de intolerância.

Nessa perspectiva, o ócio humanista (Cuenca Cabeza, 2006), o “serious leisure” (Stebbins, 1982) e a experiência fluída (Csikszentmihalyi, 1990) têm muitos aspectos em comum, pois resultam em experiências otimizadas, caracterizadas por um elevado estado de realização pessoal e sustentam as interpretações feitas a partir dos dados da pesquisa empírica. De acordo com Cohen (2013), tanto na experiência fluída do lazer, como no lazer sério, existe um esforço pessoal significativo para alcançar a identidade e experimentar uma sensação de completude.

Podemos afirmar que um dos mais significativos sentidos da viagem, considerando o ponto de vista da subjetividade é o transformar-se. Para Romano (2013, p. 35), “o itinerário do turista é planejado visando criar a ilusão do viajante-descobridor” e é certo que a experiência individual resultante do ato de viajar, na sua essência, pode ser transformadora, nova e singular. Inicialmente, é fundamental que se compreenda em que consiste a viagem, quais os desafios e perspectivas sob a ótica pessoal e subjetiva do viajante, para então entender que possibilidades a viagem independente oferece, tendo em vista a construção de um novo paradigma de comportamento para o século XXI.

As questões de gênero e os desafios para entendê-las perpassam todos os grandes temas da modernidade, pelos quais a humanidade segue continuamente em conflito. Esta investigação considera o movimento feminista sob olhares diferentes e complementares, tendo como base de suas reivindicações e reflexões a relevante literatura recente sobre gênero, visto que o tema atravessa aspectos da vida econômica, social, cultural, política e ambiental, a exemplo de Beauvoir (1970); Scott (1995), Butler (2003), Braidiotti (2002) e Saffiotti (2001).

A viagem independente de que tratamos neste estudo está inserida no contexto do lazer e refere-se à mulher brasileira, que viaja ou viajou ao menos uma vez desacompanhada para o exterior. Entre as qualidades e características encontradas nos depoimentos foram: flexibilidade do roteiro feito por elas; destino internacional; hospedagem particular (albergue, hotel, pousada, outro); passam a maior parte do tempo sozinhas e fazendo, a todo momento, suas escolhas pessoais e de lazer (Chai, 1996; Fool, 1999; Stanford, 2017). Ou ainda, o que Myers (2017) caracteriza como:

Viajantes independentes, que também são conhecidos como *free independent travelers* (FITs), tendem a ser ambientalmente conscientes, entusiasmados e motivados a experimen-

tar novos modos de vida. Eles são geralmente exploradores fora do comum, com sede de experimentar a “coisa real” e evitando o turismo de massa em favor de uma abordagem mais individualista das viagens (Myers, 2017, p.162).

As viagens sempre provocaram profundas e intensas transformações das visões de mundo, de povos e culturas, especialmente pelo fato de modificar o viajante, o explorador. Talvez seja esse o ganho substancial da viagem: conferir ao praticante uma ideia de descoberta do *self*, do eu interior, tendo como base a vivência em sociedades muito diferentes da sua de origem. Por isso, o *self* é construído, modificado e reproduzido na interação com outras pessoas. Mais do que um eu fixo, cada indivíduo tem múltiplos *selves*, que são permeáveis e dependentes do contexto (Cohen, 2010; Vaughan & Hogg, 2002).

Para Berdychevsky et al. (2013), as relações de gênero afetam a forma como homens e mulheres constroem suas experiências turísticas. As mulheres aventureiras, que se propõem a viajar sozinhas e de maneira independente, descrevem as suas jornadas como um projeto de identidade, bem como uma forma de ganhar força, independência e liberdade (Elsrud, 2006). Logo, o trabalho da mulher ganha empoderamento na medida em que os questionamentos combatem as normas e instituições que perpetuam a subordinação da mulher (Hammer e Klugman 2015). Yang (2017) afirma que, consideradas as diferentes realidades entre o mundo ocidental e o oriental, no que se refere ao cenário de mulheres em viagem independente, existe uma tendência social de transformação em nível global, como resultado do avanço da igualdade de gênero no mundo todo, a exemplo do acesso à educação e ao emprego.

Na atualidade, tendo como pressupostos as inúmeras conquistas das mulheres no campo social, político, cultural e econômico, está cada vez mais evidente que a subordinação feminina não é algo natural, nem tão pouco definitivo. Assim como as identidades e performances são plurais, diversas e dinâmicas, as relações de gênero também o são. Para Berdychevsky et al. (2013, p. 83), as experiências turísticas, oferecem um espaço para que as mulheres manifestem desejos reprimidos, uma vez que oferecem um campo fértil para a autoexploração e autodescoberta, “seja através da expressão do eu autêntico ou pela experimentação com identidades alternativas”.

Deste modo, as mulheres que compõem o objeto deste estudo atualizam e desconstróem o discurso sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade contemporânea, com seus comportamentos e atuações durante a experiência da viagem, pois gênero é um determinante essencial na liberdade de viajar (Khan, 2011).

Há, portanto, na viagem independente, um espaço que convida à libertação, à transgressão e à transposição das normas, que reprime quem somos ou quem podemos vir a ser, justamente por se realizar em um ambiente fora do cotidiano, do ordinário. Dito de outra forma, talvez haja outros caminhos a trilhar e diferentes formas de ser e de atuar na sociedade, como bem afirma Schechner (2014, p. 725): “devemos imaginar, inventar e performar formas alternativas de tornarmo-nos nós mesmos”.

Nessa lógica, constituir uma identidade pessoal é também uma corporificação performática que é processual, já que os sujeitos estão sempre no palco e dentro da performance. É um processo que sugere uma performance através do corpo. Da mesma forma, é possível desempenhar o papel social de várias maneiras, a exemplo de uma peça de teatro, que requer um texto e interpretação, onde os indivíduos podem expandir seu universo cultural



através do universo corporal, por meio de performances subversivas de vários tipos (Butler, 1990). Isso significa que nós escolhemos como e o que queremos performar. No trabalho que Butler (2015) levou 20 anos para concluir, a autora observa que somos afetados por algo que está fora de nós, pois o que vem de fora ativa e informa quem eu sou (Butler 2015b). Nas práticas de lazer, a performance representa além de um estilo de vida, pode ser também uma fonte de estabilidade e bem-estar para os sujeitos.

506 |

O percurso, o caminho do deslocamento em uma viagem tem um valor particular, e pode ser rico e prazeroso passar por ele. Nessa busca do mundo, o viajante procura a si mesmo, procura a sua identidade (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Existe, afinal, uma busca individual que, ao mesmo tempo, é coletiva, sobretudo por dar significado à existência pessoal com experiências diversificadas, mas que tenham sentido.

A construção da subjetividade em Hegel (1992) acontece apenas na produção da consciência e implica numa forma de se reconhecer livre, de se construir, fazendo-se a si próprio no embate com o mundo. No entanto, para o filósofo, uma parte do outro fica em mim, sendo que a unidade da consciência de si consigo próprio reflete o mundo a partir de si, num processo dialético: eu só sei de mim mesmo a partir da relação comigo e com o outro. O outro atua como espelho, que manifesta o meu reflexo e, em relação com ele, eu me encontro.

O ócio tem uma relação específica com o tempo existencial, pois esse processo de reconhecimento da subjetividade própria precisa de um tempo ocioso para ser validado. No que diz respeito às mulheres estudadas, estas experimentam novos espaços e tempos para vivenciarem o ócio, já que ele está inserido em uma dinâmica social ampla, em rede, o que também contribui para dar mais qualidade à experiência e ao uso desse tempo. Para as viajantes, ainda que essa linha que separa o tempo do ócio do tempo de não ócio seja tênue, há um ganho na importância desse tempo, de maneira objetiva e/ou subjetiva. Além do tempo para relaxar e descansar, o ócio permite uma dimensão de expressão do ser humano, um espaço-tempo para a recuperação do eu. Sob o olhar de uma das motivações mais estudadas no turismo, o lazer, buscamos analisar os resultados e refletir profundamente sobre a percepção de gênero no processo de construção de novos comportamentos.

No caso das viajantes, elas precisaram negociar e reafirmar seu propósito em inúmeras situações ao longo de suas jornadas, o que nos mostra que as viajantes precisam estar sempre atentas e prontas para se defenderem de possíveis assédios ou constrangimentos inerentes à sua condição de gênero feminino. Para Jordan e Aitchison (2008) quando sozinhas em espaços públicos, as viajantes permanecem em estado de autovigilância, justamente por sentirem-se observadas sob um olhar sexualizado.

Essa tensão, fruto das diferenças entre os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade, pode ser exemplificada pelo fato das mulheres entrevistadas não gozarem da liberdade de irem a bares e restaurantes à noite, quando estão sozinhas, além de serem sutilmente compelidas a se vestirem de maneira discreta. Em comparação com o estudo de Mehta (1999) e Yang (2017), as viajantes manifestaram medo de saírem à noite sozinha, porém admitem que devem continuar a ir adiante, seguindo suas jornadas, apesar dos riscos e perigos de que são constantemente lembradas, seja nos guias de viagem especializados, por familiares, ou por manchetes de violência contra turistas mulheres pelo mundo.



O estudo de Hatton e Trautner (2012), apresenta um cenário ordinário, onde prevalecem as imagens de mulheres hipersexualizadas, em detrimento das poderosas e bem-sucedidas. Isso corrobora os depoimentos da maioria das viajantes deste estudo, que, ao serem abordadas ou vítimas de assédio, em razão de seu tipo físico latino e por estarem sozinhas, sentem-se ameaçadas, seja em Florença ou em Paris. É como se estivessem total ou parcialmente 'descolocadas' em toda parte, como se não estivessem em lugar algum, o que pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora (Bauman, 2005; Trigo 2015).

Se por um lado existe a vulnerabilidade, por outro existe a resistência. Sobre isso, significa dizer que existe um paradoxo entre violência, vulnerabilidade e resistência, pois, ao recorrermos à lei contra a violência, por vezes a legitimamos (Butler, 2003). Na verdade, ninguém quer ser identificado como vulnerável, a exemplo da suscetibilidade admitida pelas mulheres entrevistadas neste estudo. Essas mulheres reagem a preconceitos e estereótipos sociais por serem mulheres, solteiras, sozinhas, brasileiras, latinas, os quais são vivenciados de formas sutis, mas também agressivas. Então, quanto mais afirmam as diferenças, maior é o poder que essas diferenças assumem, pois a resistência requer a superação dessa condição de vulnerabilidade (Butler, 2015a).

Na verdade, a vulnerabilidade física é o que as viajantes mais repudiam, por meio da denúncia de situações de assédio, constrangimento e/ou de privação da liberdade de ir e vir. Podemos também considerar que existe um lado menos positivo do olhar heterônomo, e pode ser muito negativo, limitando, inclusive, as possibilidades de atuação dessas mulheres, ainda que isso não as afete demasiadamente. Outro aspecto a considerar diz respeito à limitação na escolha de seus vestuários, o que as impede de usar roupas que desejam, mesmo que nos moldes sensuais, para não chamarem a atenção e ensejarem casos de assédios. Esses aspectos exemplificam as inúmeras restrições e ameaças pelas quais as mulheres estão constantemente submetidas nessas viagens.

Como vimos, ainda há muito o que avançar nos processos de empoderamento da mulher, bem como na discussão sobre as implicações reais na vida cotidiana das mulheres e nos espaços de resistência existentes. Em suma, esse tipo de viagem pode ser entendido como uma forma de ócio débil enquanto resistência e subversão do conceito estereotipado das mulheres, e este estudo, por sua vez, traz luz à dimensão política da viagem independente das mulheres, quer elas tenham consciência disso ou não.

É no contexto de exposição da vulnerabilidade, de atos performativos, de quebra de paradigmas que este estudo se desenvolveu. A expansão do feminino no cenário das viagens independentes evidencia essa resistência, tal como reivindicado pelas entrevistadas neste estudo, que, indignadas, exigem esse espaço de atuação e reconhecimento da legitimidade da mobilidade de seus corpos como instância política e social.

4. Conclusões

Apesar das transformações sociais contemporâneas serem responsáveis pelo acesso das mulheres aos espaços prioritariamente masculinos, a exemplo da viagem independente, e este acesso ainda é restrito e permeado de riscos, constrangimentos, preconceitos e limitações, no qual a mulher moderna continua com a sua luta contra a opressão e a exploração (Porter & Schänzel, 2018; Byrne, 2003; Myers, 2010; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017; Wilson



& Little, 2008). Dentre as principais disparidades entre os gêneros estão: salários desiguais; tipos de contrato (tempo parcial ou integral); casamento e filhos; qualificação específica; cultura, estereótipos e valores sociais, entre outros.

Os cenários apresentados neste estudo podem ser modificados a qualquer tempo, visto que estão sob as forças de diversos agentes externos, o que pode significar o surgimento de novas demandas. Recentemente, essas lacunas estão sendo preenchidas por estudos aprofundados, capazes de identificar e analisar os novos comportamentos e tendências existentes no contexto da atividade turística e no universo das viagens, além de contribuir com sugestões que agreguem valor para o desenvolvimento humano.

Outra perspectiva para futuros estudos seria identificar as mulheres que viajam para realizar cursos, roteiros e visitas a destinos e espaços ligados ao autodesenvolvimento e à espiritualidade. Ou ainda, aprofundar as pesquisas sobre os obstáculos, limitações e constrangimentos aos processos de subjetivação de viajantes independentes encontrados neste estudo.

No cenário de tendências para o desenvolvimento do turismo em nível mundial, este estudo elege a mulher como protagonista de suas experiências em viagens independentes e tudo o que isso significa. Portanto, o aumento da demanda por esse tipo de viagem gera uma série de especificidades, novidades e exigências, e deve ser tratada como um segmento que deve ser melhor atendido pelo mercado (Buhalis, 2001; McNamara & Prideaux, 2010). As descobertas e aprendizados vivenciados pela mulher em viagens independentes favorecem uma série de possibilidades quanto as suas performances, assim compreendida como sendo um discurso de liberdade que diz respeito à natureza ativa da relação entre o indivíduo e a sociedade, relacionado ao discurso que habita o corpo, que faz esse corpo e por isso se confunde com ele (Butler, 2004).

Para além destas reflexões, o estudo indica dimensões ainda pouco investigadas a respeito de viagens independentes no feminino, capazes de aprofundar sobre as necessidades, experiências e desafios das viajantes. Em vista disso, entre todas as formas e possibilidades de contínua emancipação que a mulher contemporânea goza, a viagem independente apresenta-se como um caminho sutil para o exercício da autonomia e para a revisão de hábitos e de costumes consolidados.

Finalmente, as performances dessas viajantes ganham espaço, tanto na esfera pública como na privada, transformando sutilmente padrões estabelecidos, rompendo limites, desconstruindo preconceitos de gênero, empoderando a mulher enquanto sujeito de direitos. Elas atualizam e desconstroem o discurso sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade contemporânea, com seus comportamentos e atuações durante a experiência da viagem. A partir de um olhar mais apurado sobre a viagem independente, este estudo pretende agregar valores a serem incorporados pela sociedade, capazes de expandir as possibilidades dos processos de subjetivação no feminino.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S. de. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos* (4a ed.). São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Berdychevsky, L., Gibson, H., & Poria, Y. (2013). Women's Sexual Behavior In Tourism: Loosening The Bridle. *Annals of Tourism Research*, 42, 65–86.



- Braidotti, R. (2002). Diferença, diversidade e subjetividade nômade. *Revista Estudos Feministas*, 1–16.
- Bruhns, H. (2009). A Crise do Lazer Moderno e Concepções de Corpo. *Belo Horizonte: Licere*, v.12 (4).
- Buhalis, D. (2001). The tourism phenomenon: The new tourist and consumer. In: S. Wahab & C. Cooper (Eds.), *Tourism in the age of globalization*. London: Routledge, p. 69-96.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2015). Conferência Magna I Seminário Queer. Sesc São Paulo.
- Butler, J. (2015b). *Senses of the subject (First)*. New York: Fordham University Press.
- Byrne, A. (2003). Developing a Sociological Model for Researching Women’s Self and Social Identities. *Eur. J. Women’s Stud.* 10, 443–464.
- Cohen, S. (2010). Searching for escape, authenticity and identity: Experiences of lifestyle travellers. In M. Morgan, P. Lugosi, & J. R. Ritchie (Eds.), *The Tourism and Leisure Experience: Consumer and Managerial Perspectives* (pp. 27–42). Bristol: Channel View Publications.
- Cohen, S. (2013). Leisure, identities and personal growth. In S. Elkington & S. Gammon (Eds.), *Contemporary Perspectives in Leisure: Meanings, Motives and Lifelong Learning*. London: Routledge.
- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention*. New York: HarperPerennial.
- Cuenca Cabeza, M. (2006) *Aproximación multidisciplinar a los estudios de ocio*. Bilbao: Universidade de Deusto.
- Doistua, R. (2006). Introducción a la Historia de los Estudios de Ocio en el siglo XX. *Cuadernos de Estudios de Ocio*, (3), 1–87.
- Figueiredo, S., & Ruschmann, D. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA* v. 7, n. 1, p. 155-188.
- Guerra, I. (2016). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia.
- Hanmer, L., & Klugman, J. (2015). Exploring Women’s Agency and Empowerment in Developing Countries: Where do we stand? *Feminist Economics*, 1–27.
- Hatton, E., & Trautner, M. (2013). Images of powerful women in the age of ‘choice feminism. *Journal of Gender Studies*, 22 (1), pp.65-78.
- Hegel, G. (1992). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Inchaurreaga, Z. (2012). Por un ocio posmoderno [no] violento. Interpretado desde la crisis y la hermenéutica de Gianni Vattimo. In: J. C. Amigo & J. D. N. (eds.). *OcioGu ne 2012-El Ocio Transformado[r]*. Resignificaciones y Tendencias del Ocio en Tiempos de Crisis. Bilbao: Universidade de Deusto.
- Khan, S. (2011). Gendered Leisure: Are Women More Constrained In Travel For Leisure ? *Jounal Tourism*, 6(1), 105–121., 6(1).
- Khoo-Lattimore, C., & Wilson, E. (2017). Introduction: women and travel, past and present. Em C. Khoo-Lattimore & E. Wilson (Eds.), *Women and travel: historical and contemporary perspectives* (pp. 1–13). Apple Academic Press.
- Martins, J. (2014). Tempo livre, Ócio e Lazer: Sobre Palavras, Conceitos e Experiências. In *Do Ócio – Debates no Contexto Cultural Contemporâneo*; M. Baptista, & A. Ventura (Coords.); Grácio Editor: Coimbra, pp 103-114.
- McNamara, K., & Prideaux, B. (2010). A Typology of Solo Independent Women Travelers. *Int. J. Tourism Res.* 12, pp 253–264.
- Mehta, A. (1999). Embodied Discourse: On gender and fear of violence. *Gender, Place & Culture*, 6(1), 67–84.
- Monteagudo, M.; Cuenca, J.; Bayón, F.; Kleiber, D. (2014). Ócio ao Longo da Vida: as Potencialidades dos Itinerários de Ócio para a Promoção do Desenvolvimento Humano. In *Do ócio – Debates no Contexto Cultural Contemporâneo*; M. Baptista, & A. Ventura (Coords.); Grácio Editor: Coimbra, pp 135-149.



- Myers, L. (2017). Independent Women Travelers' Experiences and Identity Development Through Multi-Sensual Experiences in New Zealand. In: Khoo-Lattimore, Catheryn; Wilson, Erica (Editors) (2017), *Women and Travel. Historical Contemporary Perspectives*, AAP-Apple Academic Press, pp. 161-177.
- Porter, B., & Schänzel, H. (2018). Introduction – Issues in the Field: A Female Perspective. In: Brooke Porter and Heike Schänzel, *Femininities in the Field: Tourism and Transdisciplinary Research*. Channel View Publications: Bristol, UK. pp. 1-9
- Rhoden, I. (2014). Atributos das Experiências de Ócio e Implicações Contraditórias Decorrentes do Estilo de Vida Contemporâneo. In *Do Ócio – Debates no Contexto Cultural Contemporâneo*; M. Baptista, & A. Ventura (Coords.); Grácio Editor: Coimbra; pp 63-74.
- Romano, L. (2013). *Viagens e viajantes: uma Literatura de Viagens Contemporânea*. Estação Literária: Londrina, Volume 10B, p. 33-48.
- Saffioti, H. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*.
- Schechner, R. (2014). Podemos Ser o (Novo) Terceiro Mundo?. *Revista Sociedade e Estado*, 29 (3) 711-726.
- Scott, J. (1989). *Gender: a useful category of historical analyses*. In: *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press.
- Stanford, D. (2017). Women and the Tourist Gaze: Historical and Contemporary Issues for Women Traveling in Male-dominated Public Space. In: Khoo-Lattimore, C., & Wilson, E. (Eds.), *Women and travel: historical and contemporary perspectives*. Apple Academic Press (pp. 17 a 30).
- Stebbins, R. (1982). Serious Leisure: A Conceptual Statement. *Pacific Sociological Review*, 25(2), pp 251-272.
- Swirsky, J. M., & Angelone, D. J. (2015). Equality, empowerment, and choice: what does feminism mean to contemporary women? *Journal of Gender Studies*, 9236(April), 37–41.
- Trigo, L. (2010). A viagem como experiência significativa. In: A. Panosso Netto & A. Gaeta (Orgs). *Turismo de Experiência*. São Paulo: Editora Senac, p. 21-41.
- Wilson, E., & Little, D. (2005). A 'relative escape'? the impact of constraints on women who travel solo. *Tourism Review International*. 9 (2), pp. 155–174.
- Yang, E. (2017). Risk Perception of Asian Solo Female Travelers: an Autoethnographic Approach. In: Khoo-Lattimore, C., & Wilson, E. (Eds.), *Women and travel: historical and contemporary perspectives*. Apple Academic Press, pp. 139-157.

